

RELIGIÕES DE MATRIZES AFRICANAS: A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA E O RACISMO ESTRUTURAL

BARBOSA, Perseu R. P. S. Toledo¹

GALANTE, Matheus Tresso²

OLIVEIRA, Ana Flávia Carneiro de³

VILLA, Mariana Cristina⁴

FILHO, Eduardo Hideto Kahawara⁵

Resumo

A presente pesquisa visa analisar a intolerância religiosa e o racismo estrutural dirigido às religiões afro-brasileiras. Sendo o Brasil o último país do ocidente a abolir a escravidão, é evidente que quase quatro séculos de um período da representatividade negativa do negro, deixariam marcas na cultura brasileira. Em contrapartida, a religiosidade afro centrada apresentam-se como uma possibilidade da representatividade positiva do negro. Para esse fim, será examinado como a cosmovisão influencia na imagem do negro para os adeptos do Candomblé e da Umbanda, através do levantamento dos dados obtidos nas entrevistas e formulários online realizados nas regiões sul e sudeste do país.

Palavras-chave: Racismo religioso e estrutural, Candomblé, Umbanda, representatividade.

RELIGIONS OF AFRICAN MATRIXES: RELIGIOUS INTOLERANCE AND STRUCTURAL RACISM

Abstract

This research aims to analyze religious intolerance and structural racism directed at Afro-Brazilian religions. As Brazil was the last country in the West to abolish

¹ Graduando do Curso de Psicologia da Fundação Educacional de Fernandópolis – FEF.

² Graduando do Curso de Psicologia da Fundação Educacional de Fernandópolis – FEF.

³ Graduanda do Curso de Psicologia da Fundação Educacional de Fernandópolis – FEF.

⁴ Graduanda do Curso de Psicologia da Fundação Educacional de Fernandópolis – FEF.

⁵ Psicólogo pela UFMS. Mestre em Saúde Coletiva. Docente do Curso de Psicologia da Fundação Educacional de Fernandópolis – FEF.

slavery, it is evident that almost four centuries of a period of negative representations of the negro would leave marks in the Brazilian culture. In contrast, Afro-centered religiosity presents itself as a possibility of the positive representation of the black people. To this end, it will be examined how worldview influences the concept of a black person for Candomblé and Umbanda followers, through the survey of data obtained in interviews and online forms conducted in the south and southeastern regions of the country.

Keywords: Religious and structural racism, Candomblé, Umbanda, representativeness.

Introdução

A intolerância religiosa é um ato repercutido por toda humanidade durante sua história. É nítido a gravidade das ofensas, perseguições e ações discriminatórias contra a liberdade do indivíduo e da diversidade de crenças. Como exemplificado por Guimarães (2004), é a intolerância que se encontra na raiz das tragédias mundiais. A base responsável por promover a inquisição e a caça às bruxas, para católicos e protestantes matarem-se na Europa, assim como os hindus e muçulmanos na Índia. O arquétipo estruturante de um sistema de *apartheid* e os tijolos abstratos dos campos de concentração. É evidente como o preconceito resulta em massacres de identidades, crenças e vidas.

No entanto, a invisibilidade e representação negativa são também formas de violência, que a Psicologia tem contribuído porque segundo Loreto (2017) é possível constatar a euro centralização do saber. O ponto de partida, a maioria das vezes, é o de um homem branco e heterossexual. Qualquer outra forma de subjetividade corre o risco de ser apresentada e difundida no campo do patológico, do atípico.

De acordo com Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2019, 57,3% da população brasileira identifica-se como pardos, pretos e indígenas. Uma Psicologia brasileira euro centrada é o atestado da indiligência da Psicologia com a maior parte da população brasileira.

A escolha do tema justifica-se pelo entendimento que símbolos e narrativas são formas de criação de subjetividade, afetando o ser e estar presente no mundo de todo um coletivo. E quando os símbolos de prestígio, beleza e poder giram

entorno de uma etnia e em detrimento de outra, é dever sair da posição passiva e buscar formas de combate a narrativa única. Segundo o psicólogo Veiga (2019) a construção da identidade negra positiva é um processo que passa pelo enegrecimento dos símbolos e discursos, assim como um estudo dos efeitos do racismo na subjetividade e condições materiais das pessoas negras no Brasil.

Método

Com o propósito de investigar a eficiência das religiões afro-brasileiras no combate ao racismo estrutural e, o impacto da simbologia africana na percepção do negro partindo do ponto de vista dos adeptos, o trabalho se deu por meio de abordagem quantitativa, qualitativa e pesquisa de campo.

Marconi (1982) defende que a pesquisa quantitativa também é apresentada como semântica quantitativa e análise de conteúdo, trabalhando e mensurando dados de uma base textual.

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro, está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações (CHIZZOTTI, 1998, p.83),

Para Gil (2008), as pesquisas exploratórias têm como objetivo desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, formulando problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para futuros estudos.

A pesquisa de campo pretende buscar informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas (GONSALVES, 2001, p.67).

Os instrumentos utilizados para coleta de dados foram o termo de consentimento livre e esclarecido – TCLE, o questionário exploratório composto por 12 perguntas fechadas e 3 perguntas abertas e, a ferramenta Google Forms para os participantes de outras cidades e estados. Ele foi aplicado entre outubro e novembro

de 2022 e, as perguntas foram elaboradas pelos entrevistadores, com foco na intolerância religiosa e o racismo.

Os entrevistados foram escolhidos conforme seu conhecimento pelo assunto e, por serem adeptos do Candomblé e Umbanda. Foram feitos encontros presenciais e utilizado a ferramenta Google Forms como meio de coleta de dados, por permitir reunir informações de um número maior de participantes, garantir anonimato das respostas aos que desejam, permitir maior espaço de fala para os participantes e, não os expor à influência das opiniões e do aspecto pessoal dos pesquisadores.

Para tanto, foram enviados questionários para os adeptos dos terreiros de Umbanda e Candomblé, a partir dos contatos disponíveis em páginas das redes sociais e via WhatsApp, sendo solicitado a autorização de coleta e divulgação de dados aos entrevistados.

O Google Forms é um serviço gratuito de gerenciamento de pesquisas, que pode ser utilizado para pesquisar e coletar informações sobre outras pessoas e, assim como também pode ser usado para questionários e formulários de registro.

A amostra final foi composta por 4 entrevistadores, 4 participantes presenciais brancos e, 17 entrevistados online, sendo 15 deles brancos, 3 pardos e, 4 negros. Os dados foram analisados de forma qualitativa e quantitativa, utilizando gráficos, tabelas e, embasamento teóricos para complementar as respostas. A fim de garantir o anonimato dos participantes, eles foram identificados pela sigla “A” seguida pelo número ordinal referente aos adeptos.

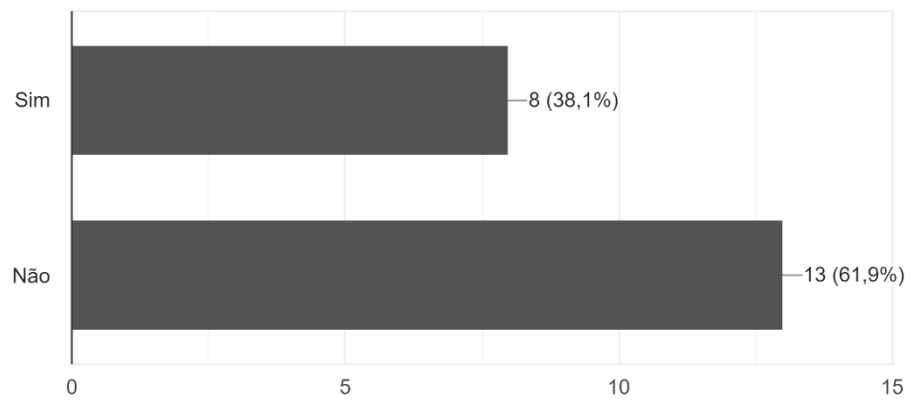
Resultados e Discussão

Participaram desta pesquisa 21 adeptos, sendo 4 pertencentes do Candomblé e 20 da Umbanda; 3 indivíduos aderem/aderiram ambas as religiões. A divulgação feita através de canais de comunicação virtual, e a busca pelos participantes presencialmente contribuíram para a realização do estudo. O formulário online foi composto por 17 pessoas e, o presencial foi respondido por 4 integrantes. As respostas obtidas a partir do questionário alcançaram o objetivo proposto, como ilustrado nas figuras abaixo.

Figura 1: Questionário sobre racismo estrutural

Você já foi vítima de racismo?

21 respostas

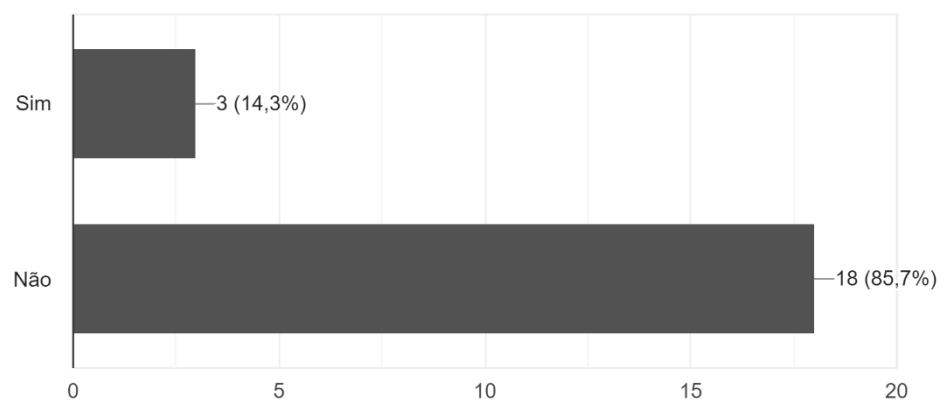


Fonte: De autoria própria

Figura 2: Questionário sobre racismo estrutural

Você já praticou de racismo?

21 respostas

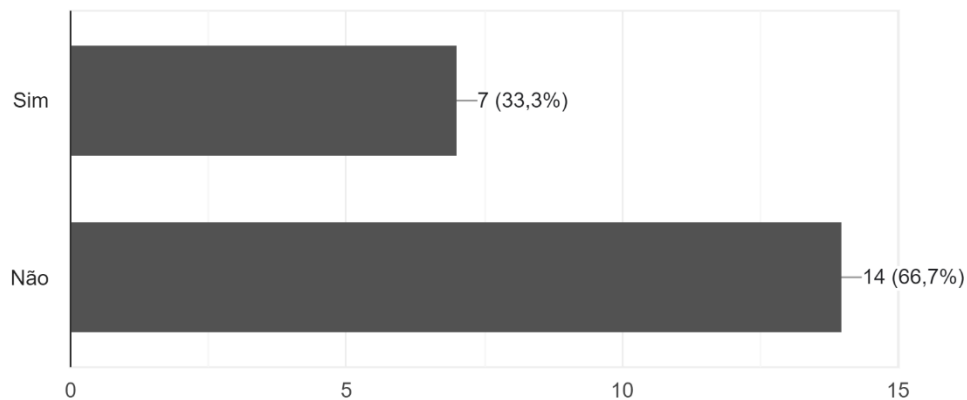


Fonte: De autoria própria

Figura 3: Questionário sobre racismo estrutural

Você já presenciou atos racistas dentro de um terreiro?

21 respostas

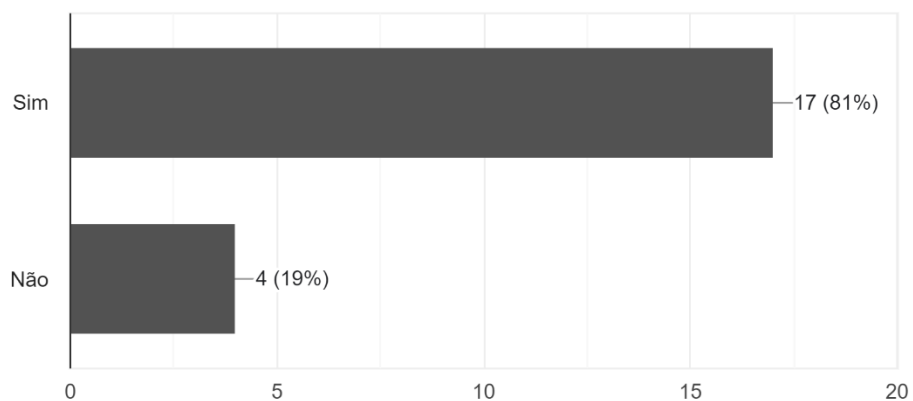


Fonte: De autoria própria

Figura 4: Questionário sobre racismo estrutural

Você sabe o que é racismo estrutural?

21 respostas



Fonte: De autoria própria

Segundo as informações das figuras acima 31,8% dos adeptos foram vítimas de racismo; 14,7% praticaram discriminação racial; 33,3% presenciaram atos discriminatórios nos terreiros; 19% não compreendem a concepção do racismo estrutural. Posto isto, cabe elucidar a formação social calcada no racismo, em conjunto ao mantimento desta estrutura e correlacioná-los a narrativa dos entrevistados.

De acordo com o Dicionário da Língua Portuguesa (2015), a palavra racismo significa preconceito; discriminação baseada na ideia da superioridade de certa raça; segregação. Cabe então conceituar o significado de raça, que conforme explica Moreira (2019), a raça é uma marca de poder, situando as pessoas em lugares distintos dentro das várias hierarquias sociais. Os indivíduos são incluídos dentro de um sistema classificatório racial, criando significado e atribuindo sentido baseado nas determinações do grupo. Sendo uma forma de possuir vantagens dentro da sociedade, pois o sistema de hierarquias de um país pertence a uma categoria histórica central.

As definições de papéis sociais, sendo estes atribuídos às responsabilidades de determinados grupos ou indivíduos, são promovidos em função do racismo estrutural, nos diversos contextos sociais. Almeida (2018) enfatiza que o racismo cria a raça e os sujeitos “racializados”, de forma a constituir todo um complexo imaginário social, reforçada pelos meios de comunicação, pela indústria cultural e pelo sistema educacional.

A partir do processo de colonização conduzido pelos europeus, a necessidade de mão-de-obra vincula-se a exploração dos povos africanos e indígenas. A discriminação racial encontra-se alicerçada neste período. Conforme o desenvolvimento e o enriquecimento da aristocracia, perpetuava a manutenção e a reprodução da escravidão. De acordo com Nascimento (2016), a construção da sociedade atual tem como participação principal, o africano escravizado.

O privilégio daqueles que detinham o poderio – barões; latifundiários; os nobres; a aristocracia brasileira propriamente dita - asseguraram suas condições econômicas e políticas mesmo após os movimentos abolicionistas. Por outro lado, a população negra e escravizada encontrava-se em restrita ascensão social. Souza (1983) aponta que a sociedade escravista transformou o africano em escravo, definindo o negro como raça e o modo de ser tratado. Os padrões sociais conduzidos pelos brancos instituíram o paralelismo da cor negra em posição social inferior.

A luta do movimento abolicionista em junção dos escravos, que buscavam emancipação e o fim da exploração, consolidou gradualmente a extinção da escravidão. Decretado a Lei Áurea em 1888, pela princesa Isabel, os escravizados diante da “liberdade” careciam de moradia, mobilidade, vestimenta, alimentação, lazer, condições para uma vida digna e humanizada. Em vista disso, Souza (1983) pondera que ao desagregar a antiga ordem social escravocrata em substituição pela

sociedade capitalista, novos elementos entraram em vigor. Restringindo o negro e limitando sua participação social, qualificando-o negativamente; nos moldes da ordem anterior.

O novo regime social, portanto, dispõe e reproduz os resquícios da antiga organização escravocrata. Atualmente fomentada pela disputa do negro em ocupar espaços e ascender socialmente na pretensão de tornar-se indivíduo. Relacionaremos aqui as declarações dos entrevistados em virtude às referidas teorias. Para tanto, denominaremos os discursos por meio de indicativos:

"Admito que fiz uma piada racista em algum momento." (A1)

"Piadas de olho puxado". (A2)

Os discursos citados remontam à estruturação e funcionamento da discriminação racial veiculada pelos indivíduos em seu contexto social. O racismo é velado por meio de piadas; comentários sobre aparência e comparações que transmitem a ideologia do branqueamento - colocando o negro no reboque da hegemonia branca. Como resultado de uma política cultural racista, a crença de que os grupos raciais possuem características distintas e essenciais permite ocultar ações e atitudes discriminatórias. A propagação do racismo é vista, por meio do humor, de forma benigna mesmo quando há degradação do status cultural de grupos minoritários (MOREIRA, 2019).

"Associar o caráter de pessoas negras que conviveram com pessoas más de acordo com suas amizades." (A3)

A mensagem anterior refere-se ao comportamento dos negros, caracterizando-os de forma nociva. Cavalheirismo e boa conduta são esperados de tais corpos. Isso implica no processo de submissão do negro, devido à sua ascensão social. Portanto, o método mais eficaz de conquista de espaço e identificação seria na linha do branco. Neusa Santos Souza (1983) expõe a desfiguração material e moral por meio da submissão e conformismo do negro em detrimento da vestimenta branca. Negar a identidade tanto individualmente quanto como parte de um estoque racial. Diante disso, a pessoa "racializada" reafirma sua capacidade de ascender socialmente, na forma de pensar, agir, falar, se comportar diante da hegemonia branca.

Quando é falado sobre racismo estrutural, também tem que ser deixado explícito a ligação entre este ponto e a intolerância religiosa sofrida pelas religiões de matriz africana, pois como fala Miranda (2018, p. 329), ambos estão social e

historicamente relacionados diretamente. A intolerância religiosa por sua vez é a discriminação e repulsa em relação a uma religião ou ato religioso. Como explicado por Nogueira (2020, p.19), no epicentro desse preconceito está a necessidade de colocar à margem o que não é considerado normativo e fazer isso é uma prática de poder em relação ao outro.

Segundo Pauluze (2022) somente até agosto de 2022 foram registradas 545 denúncias de intolerância religiosa, esse dado foi tirado do disque 100, um serviço para denúncias a quebra de direitos instituídos pelo ministério da Família, Mulher e Direitos Humanos. A Figura 5 apresenta os estados que mais obtiveram denúncias registradas e a Figura 6 diz respeito as religiões que mais registraram queixas dentro do estado de São Paulo, referentes apenas ao primeiro semestre de 2022.

Figura 5: Estados onde mais ocorreram denúncias¹

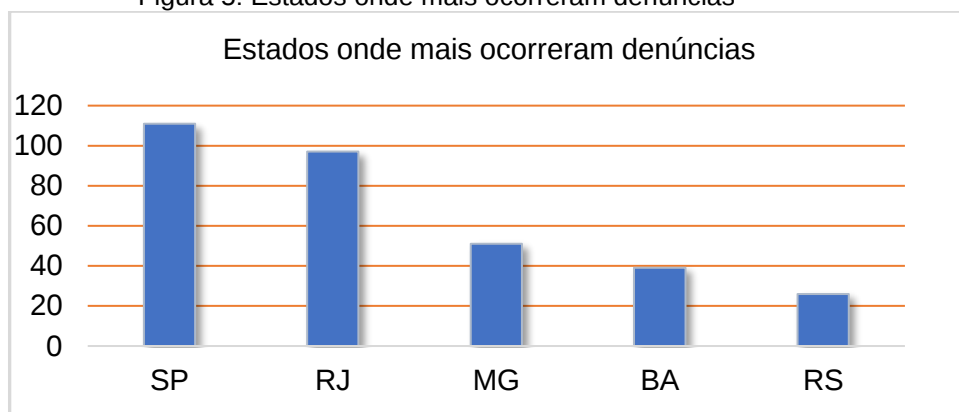


Figura 6: Denúncias das religiões no 1º semestre de 2022²

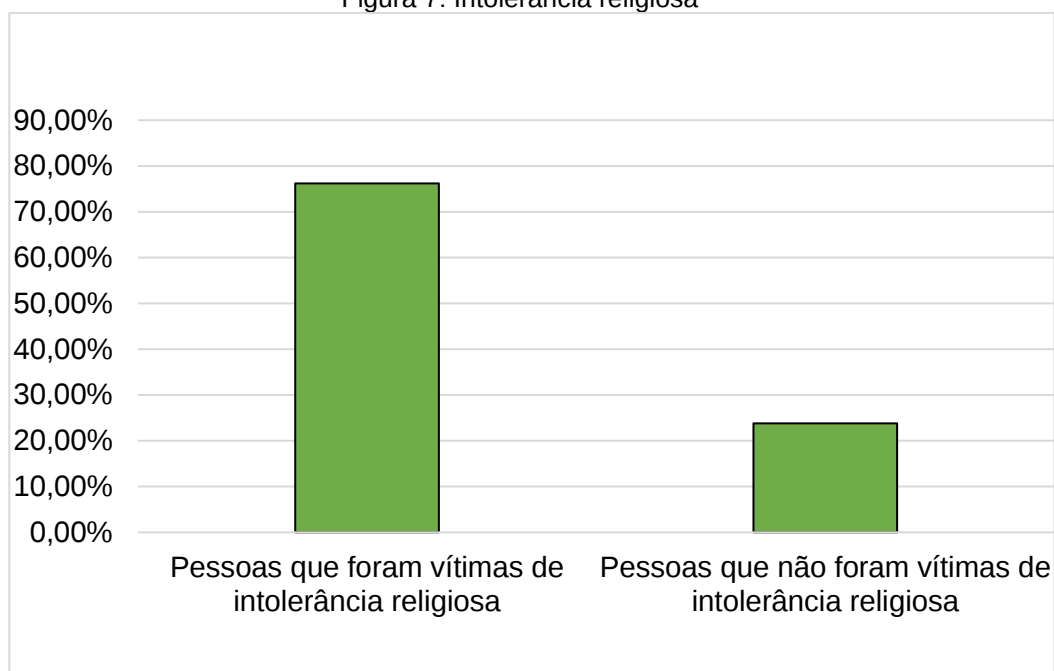
Religião	Denúncias no 1º semestre de 2022
Matriz africana	44
Evangélica	12
Católica	7
Judaísmo	3
Islamismo	3
Bruxaria	0
Outros	37

¹ PAULUZE, Thaiza. Brasil registra três queixas de intolerância religiosa por dia em 2022; total já chega a 545 no país. G1, São Paulo, p. 01--02, 22 jul. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/07/22/brasil-registra-tres-queixas-de-intoleranciareligiosa-por-dia-em-2022-total-ja-chega-a-545-no-pais.ghtml>. Acesso em: 5 nov. 2022.

² Ibid.

O estado de São Paulo lidera o gráfico com 111 queixas registradas, enquanto as religiões de matriz africana representam 48,84% dessas queixas. Esses dados são importantes para pesquisa pois, dentre as pessoas que responderam ao questionário, 90% são da região sudeste do país, região onde está localizado o estado de São Paulo e a Figura 7 explicita a relação entre pessoas que afirmam terem sofrido intolerância religiosa por meio do questionário.

Figura 7: Intolerância religiosa



Fonte: De autoria própria

Demonstrando assim que a grande maioria já passou por pelo menos uma situação de exclusão por conta de sua espiritualidade, pode-se analisar uma concordância com o que foi dito por Fernandes (2017, p.117), em decorrência do eurocentrismo, uma das heranças do período colonial, que norteia socialmente pensamentos e ações, colocando em evidência características advindas dos europeus, que vão desde os aspectos físicos associados a eles e até seus dogmas e religiões, por tanto excluindo outros tipos de crenças.

Já no prefácio de Tornar-se Negro (1983), Costa revela acreditar que a espinha dorsal do racismo, da violência racista consiste em “encarnar o corpo e os ideais do Ego branco”, ao mesmo tempo que anula o corpo negro. O autor define o ideal de Ego como sendo formado por imagens, palavras e representações entre o sujeito e sua cultura. Para Freud (2013), a fase de construção da identidade, ou fase narcísica, permite ao indivíduo entrar em contato com sua cultura, onde a relação materna não será mais a única fonte de definição de realidade. Souza (1983) vê esta

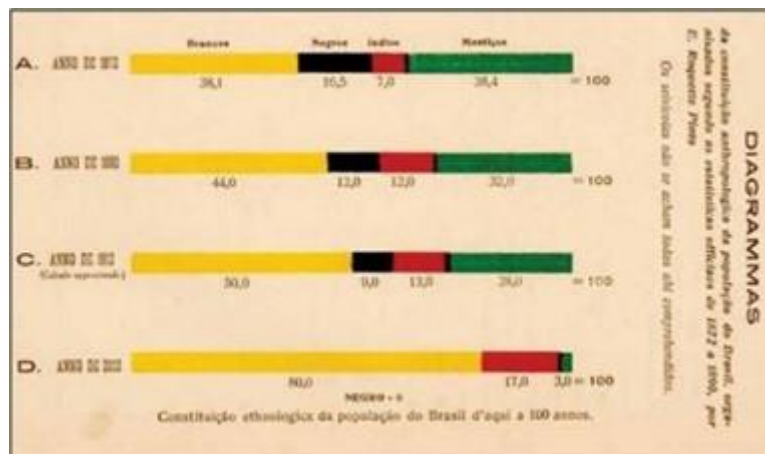
fase, para o sujeito preto, em grande parte, encoberta. O modelo de identificação normativo-estruturante que lhe é fornecido é o de um “fetiche pela brancura”.

A brancura foi cravada na psiquê negra, segundo Souza (1983), como: “sinônimo de pureza artística; nobreza estética; majestade moral; sabedoria científica”. O sujeito preto passa então a perseguir um ideal antagônico à sua realidade pessoal e corpórea. A autora acrescenta:

“O negro, no desejo de embranquecer, deseja, nada mais, nada menos, que a própria extinção. Seu projeto é de, no futuro, deixar de existir; sua aspiração é a de não ser ou não ter sido”. (SOUZA, 1983).

Este desejo, sentido não apenas por um inconsciente preto, mas idealizado e posto em execução pela elite brasileira no século XX foi alcunhado de política de embranquecimento por Nascimento (1978). A Figura 5 mostra um diagrama apresentado pelo médico João Baptista de Lacerda no Congresso Internacional das Raças de Londres (1911), onde estimava-se, que até 2011, não existiram mais negros no Brasil.

Figura 5: Gráfico apresentado por João Batista de Lacerda no Congresso Internacional das Raças em Londres, 1911.¹



1 LACERDA, João Batista de. O Congresso Universal das Raças reunido em Londres (1911): apreciação e comentários. Brasil: Papelaria Macedo, 1911. p. 101. PDF da edição original disponível em: <https://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/16>. Acesso em 06 de out. de 2022.

Espíritos que se identificavam como pretos ex-escravizados e indígenas não eram permitidos nos centros espíritas por serem vistos como inferiores (JÚNIOR; HAERTER; BUSSOLETTI, 2013). O próprio codificador do espiritismo, Allan Kardec, difundiu trechos racistas por diversas obras. Em *Perfectibilidade da raça negra* (1862), denominou as pessoas pretas como uma raça “inferior, incorrigível e profundamente incapaz”. A Umbanda surge como local para livre manifestação desses espíritos, o preto e o índio assumem o arquétipo de sabedoria (SARACENI, 2011).

Em nossa pesquisa, 90,5% dos participantes consideram a umbanda e o candomblé como formas positivas de representação do negro e 61,9% confirmaram que seu conceito sobre a etnia mudou após se tornarem adeptos dessas religiões. Como evidenciado na fala de alguns entrevistados:

O que mudou foi a visão que tinha sobre a força/resistência deles. O estudo sobre a religião de matriz africana e brasileira faz você questionar certos ensinamentos das escolas e, de forma geral, as crenças estruturais que a sociedade nos impõe. (A8).

Meu conceito sobre como a história dessas pessoas no meio social mudou. Sabemos que são pessoas batalhadoras e que nunca desistiram mesmo diante da escravidão ou preconceitos atuais, mas entendem que tiraram tudo de alguém ao ponto de a religião ser sua única forma de esperança, me fez repensar até minha própria existência (A15).

Considerações Finais

Devido a pesquisa ser exploratória, há escassez de conteúdos acadêmicos acerca da representatividade positiva das religiões afro-brasileiras. Como mencionado previamente, é inadmissível a existência de uma Psicologia euro centrada em um país com a população majoritária parda e preta. Logo, o Brasil e a Psicologia necessitam romper esta estrutura, para que não estejamos fadados a reproduzir os erros. A raiz do racismo constitui na destruição de identidade, logo, da cultura. Nota-se crescimento nas pesquisas sobre a representatividade nas artes, especialmente, no cinema. É necessário abranger também para a espiritualidade que, assim como a arte, é um pilar da cultura, um pilar da subjetividade.

Ademais, esse trabalho teve como objetivo investigar se há eficiência dessas religiões no combate ao racismo estrutural e, de acordo com as informações obtidas, pode-se confirmar que sim por meio das respostas recebidas. A mudança

desse conceito ocorreu após a inserção dos adeptos na religião, confirmando-se a desmistificação imposta pelos padrões sociais que foram atribuídos aos negros.

Também foi necessário investigar como os adeptos enxergavam a simbologia africana em relação ao negro e, podemos observar que os adeptos, em maioria, responderam que as religiões tinham tanto mudado sua concepção do que era ser negro, quanto são representações positivas das pessoas negras.

Através do questionário, conseguimos observar quais eram os pensamentos dos praticantes sobre o racismo estrutural. As respostas citadas acima, foram importantes pois 81% deles que disseram saber o que é racismo estrutural e, suas respostas individuais a respeito do porquê mudaram suas visões em relação ao que é ser negro. Com os dados coletados sobre a intolerância religiosa dos adeptos as religiões de matrizes africanas, pode-se afirmar que eles têm sofrido constantemente com essa intolerância religiosa.

Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz. O que é racismo estrutural? Série Feminismos Plural. São Paulo. Alfabetização, 2018.

BARBOSA, Monique Oliveira. **O RACISMO ESTRUTURAL E A CRISE DE INTOLERÂNCIA RELIGIOSA NO BRASIL**. 1. ed. Presidente Prudente: [s. n.], 2º semestre 2020. 86 p. v. 1. Disponível em: <http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/Direito/article/view/8896>. Acesso em: 5 nov. 2022.

CHIZZOTTI, A. Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. São Paulo, SP: Cortez, 1998. Disponível em: <https://revistaprisma.emnuvens.com.br/prisma/article/download/41/32> Acesso: 04 de nov. 2022.

DALFOVO, Michael Samir; LANA, Rogério Adilson; SILVEIRA, Amélia. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.2, n.4, p.1-13, Sem II. 2008. Disponível em: <http://www.unirio.br/cchs/eb/arquivos/tccs-acima-de-9/tcc-maria-cecilia-fernandes> Acesso em: 04 nov. 2022.

DIJK, Teun A Van. **DISCURSO ANTIRRACISTA NO BRASIL**: Da abolição às ações afirmativas. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2021. 288 p. v. 1.

FERNANDES, N. V. E. A raiz do pensamento colonial na intolerância religiosa contra religiões de matriz africana. **Revista Calundu**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2017. DOI: 10.26512/revistacalundu.v1i1.7627. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistacalundu/article/view/7627>. Acesso em: 2 nov. 2022.

FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 12**: Introdução ao narcisismo, Ensaio de metapsicologia e outros textos (1914–1916). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2013.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONSALVES, E. P. Iniciação à pesquisa científica. Campinas, SP> Alínea, 2001. Disponível em: <https://www.conic-semesp.org.br/anais/files/2015/trabalho-1000020456.pdf>. Acesso em: 04 de nov. 2022.

GUIMARÃES, Marcelo R. **Um Novo Mundo é Possível**. São Leopoldo: Ed. Sinodal, 2004, p. 38-39.

JÚNIOR, Hécio Fernandes Barbosa; HAERTER, Leandro; BUSSOLETTI, Denise Marcos. A representatividade negra nos tambores da Umbanda. *Identidade!*, São Leopoldo, v. 18, ed. 2, jul./dez 2013.

KARDEC, Allan. Perfeitabilidade da raça negra. **Revue Spirite**, [s. l.], n. 4, abril 1862.

LORETO, Juliane. O silenciamento também mata. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA ABRAPSO, 19., 2017, Uberlândia. **Anais eletrônicos [...]** Uberlândia, Minas Gerais: Abrapso, 2017. Disponível em: http://www.encontro2017.abrapso.org.br/trabalho/view?ID_TRABALHO=1944&impressao. Acesso em: 14 mar. 2022.

MIRANDA, Ana Paula Mendes. Intolerância religiosa e discriminação racial: duas faces de um mesmo problema público?1. *In*: LIMA, Antonio Carlos de Souza *et al.* **A antropologia e a esfera pública no Brasil**: Perspectivas e Prospectivas sobre a Associação Brasileira de Antropologia no seu 60º Aniversário. 1. ed. Rio de Janeiro: E-papers, 2018. v. 1, p. 329-363. *E-book*.

MOREIRA, Adilson José. **Pensando como um negro: Ensaio de Hermenêutica Jurídica**. São Paulo: Editora Contracorrente, 2019.

NASCIMENTO, Abdias. **O Genocídio do negro brasileiro**: Processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância Religiosa: Feminismos Plurais**. 1. ed. São Paulo: Editora Jandaira, 2020. 84 p. v. 1. *E-book*.

PAULUZE, Thaiza. Brasil registra três queixas de intolerância religiosa por dia em 2022; total já chega a 545 no país. **G1**, São Paulo, p. 01--02, 22 jul. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/07/22/brasil-registra-tres-queixas-de-intolerancia-religiosa-por-dia-em-2022-total-ja-chega-a-545-no-pais.ghtml>. Acesso em: 5 nov. 2022.

SARACENI, Rubens. **Arquétipos da Umbanda: as hierarquias espirituais dos Orixás**. São Paulo: Madras, 2011.

SOUZA, Neusa Santos. **TORNAR-SE NEGRO**. 2ª ed. Rio de Janeiro: GRAAL LTDA., abril de 1983. 88 p. 4.

VEIGA, Lucas. **Consciência Negra para um inconsciente embranquecido**. Conexão UFRJ: UFRJ, 19 nov. 2019. Disponível em: <https://conexao.ufrj.br/2019/11/consciencia-negra-para-um-inconsciente-embranquecido/>. Acesso em: 18 mar. 2022.